Ensaio sobre o mapa «Brasil» de G. Gastaldi pertencente ao Delle navigationi e viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)

*Ensayo sobre el mapa «Brasil» de G. Gastaldi inserto en el Delle navigationi e
Viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)*

*Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans Delle navigationi e Viaggi
de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)*

*Essay on the map of Brazil by G. Gastaldi included in G. B. Ramusio's Delle
Navigationi et Viaggi (1556; 1565; 1606)*

Olga Okuneva

Tradutor: Paul Sutermeister

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabilis/715>

DOI: 10.4000/terrabilis.715

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Olga Okuneva, «Ensaio sobre o mapa «Brasil» de G. Gastaldi pertencente ao Delle navigationi e viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)», *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 junho 2013, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/715> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabilis.715>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Ensaio sobre o mapa «Brasil» de G. Gastaldi pertencente ao Delle navigationi e viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)

Ensayo sobre el mapa «Brasil» de G. Gastaldi inserto en el Delle navigationi e Viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)

Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans Delle navigationi e Viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)

Essay on the map of Brazil by G. Gastaldi included in G. B. Ramusio's Delle Navigationi et Viaggi (1556; 1565; 1606)

Olga Okuneva

Tradução : Paul Sutermeister

NOTA DO EDITOR

A presente é a tradução ao português do artigo publicado neste mesmo número como Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans « Delle navigationi et Viaggi » de G. B. Ramusio (1556 ; 1565 ; 1606).

La presente es la traducción al portugués del artículo publicado en este mismo número como Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans « Delle navigationi et Viaggi » de G. B. Ramusio (1556 ; 1565 ; 1606).

Cet article est la traduction en Portugaise de l'article publié dans cette même numéro sous le titre Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans « Delle navigationi et Viaggi » de G. B. Ramusio (1556 ; 1565 ; 1606).

This is the Portuguese translation of the paper published in this same issue as *Essai sur la carte de G. Gastaldi « Brasil » insérée dans « Delle navigationi et Viaggi »* de G. B. Ramusio (1556 ; 1565 ; 1606).

- 1 A Biblioteca Digital de Cartografia Histórica — uma excelente iniciativa da Universidade de São Paulo que disponibiliza aos pesquisadores mapas antigos digitalizados de qualidade muito alta — contém em sua coleção um mapa interessante do Brasil do século XVI.¹

Figura 1: Giacomo Gastaldi — Brasil (1556)

Em: Giovanni Battista Ramusio, *Delle Navigationi et Viaggi* (1556).

Exemplar colorido da Biblioteca Digital de Cartografia Histórica — Universidade de São Paulo [http://www.cartografiahistorica.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=99&idMapa=579].

- 2 Este mapa acompanha um curioso relato sobre o Brasil da primeira metade do século XVI; o texto aparece no terceiro volume dos *Navigationi et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio.² Esse veneziano — diplomata, humanista e grande entusiasta amador da geografia — reuniu vários livros geográficos e de viagens numa coletânea de três volumes. Mantendo-se a serviço da República veneziana por um longo período de sua vida (primeiro vinculado à Chancelaria, depois como secretário do Senado e como um dos secretários do Conselho dos Dez), ele também colaborou com a administração prática de uma grande coleção de manuscritos (o núcleo da futura Biblioteca Marciana), o que não só mostra o seu interesse pela cultura livresca, mas também aptidão para efetuar um trabalho «de routine» na gestão da coleção.³
- 3 O próprio interesse de Ramusio na literatura geográfica, por relatos contemporâneos de viagens impressos ou manuscritos e por livros sobre as descobertas geográficas «feitas em nosso século» é inseparável de sua paixão pelas letras e pelos autores da antiguidade clássica. Foi nesse espírito do Renascimento e do humanismo, e no contexto de seus vínculos estreitos com humanistas tais como Pietro Bembo, Andrea

Navagero e Girolamo Fracastoro, que nasceu a obra principal de Ramusio: sua grande coleção de textos geográficos.

- 4 Numa época em que o prestígio da Geografia de Ptolomeu estava fragilizada pelas descobertas marítimas, tenta-se combinar informações deste autor com as observações de viajantes modernos e assim revisar os modelos clássicos. Essa é a abordagem de Waldseemüller em 1511 e, de certa forma, em 1513; o mesmo pensamento guia Ramusio no seu desejo de fornecer ao público as relações dos viajantes, ricas em detalhes e observações, para elaborar novos mapas baseados nelas.⁴
- 5 Um dos que contribuiu com o projeto foi o cartógrafo Giacomo Gastaldi, veneziano de origem piemontesa e cosmógrafo oficial da Sereníssima República. O bom entendimento inicial entre Ramusio e Gastaldi aumentou no final da década de 1540 quando este último começa a ensinar geografia ao filho daquele.⁵ É provável que a execução de uma grande encomenda oficial por parte de Gastaldi — nos anos de 1540 ele foi contratado para refazer os velhos mapas regionais do século XV nas paredes de uma sala no Palácio Ducal — se devesse às informações que o cartógrafo tinha acesso através da coleção de Ramusio.
- 6 Giacomo Gastaldi é o autor de um mapa desenhado do Brasil, que será analisado no presente artigo. Gastaldi fez 12 mapas para a coletânea de Ramusio: três são publicados no primeiro volume (África) e nove no terceiro (sete dos quais referem-se à América). Fora do trabalho para Ramusio, Gastaldi produziu uma série de mapas individuais as vezes encomendados por mecenas.⁶
- 7 O grande conjunto editorial que apresentam os três volumes de Navegações e viagens mantém visível o trabalho do editor em distintas áreas: na escolha de textos, na sua tradução ao italiano a fim de contribuir para a coerência da coleção e nos comentários. Os princípios podem ser observados, no caso do texto sobre o Brasil, acompanhados pelo mapa de Gastaldi.
- 8 A relação que faz parte do terceiro volume dedicado ao Novo Mundo é intitulada “Discorso d’un gran capitano di mare francese del luco di Dieppa sopra le navigationi fatte alle Terra Nuova dell’Indie Occidentali, chiamata la Nuova Francia, da gradi 40 fino a gradi 47 sotto il Polo Arctico, & sopra la terra del Brasil, Guinea, Isola di San Lorenzo, & quelle di Sumatra, fino alle quali hano navigato le caravelle & navi francese”.⁷ O documento está publicado em italiano, mas o texto original foi escrito em francês, e Ramusio indica que foi ele quem quis traduzi-lo «para nossa língua».⁸ A tradução pode ter sido feita pelo próprio Ramusio, pois seu domínio do francês (adquirido provavelmente durante uma missão diplomática na França) rendeu-lhe elogios de contemporâneos e o cargo de intérprete da língua para o Doge.⁹ É bastante provável que o mesmo Ramusio encomendasse de Paris materiais novos (inclusive o Discorso) no final da década de 1530 e no começo da década de 1540.¹⁰
- 9 Ao incluir essa relação na sua coletânea, Ramusio ignorou o nome do «grande capitão» e do autor do Discorso (na verdade, ele pensou que se tratava de uma só pessoa; voltaremos a esta questão mais adiante). No entanto, o fato de não conhecer seu nome parecia-lhe uma grande infelicidade: «Este discurso é verdadeiramente muito bonito e digno de ser lido por todos, mas lamentamos muito não saber o nome do autor, porque não colocar seu nome equivale a insultar a memória de um valente e nobre cavalheiro».

- 10 O relato da viagem e a viagem própria permaneceram anônimos até a década de 1830, quando foi encontrado, nos documentos privados de um comerciante de Rouen, na França, um manuscrito de um diário de bordo de uma expedição francesa a Sumatra em 1529, sob o título provisório *Voyage des Dieppois*. Levando-se em conta o fato de que o *Discurso* fala de Sumatra em termos semelhantes e que o diário de bordo indicava claramente o nome do capitão francês que empreendeu a viagem — Jean Parmentier —, bem como o nome do narrador — Pierre Crignon —, conseguiu-se atribuir a autoria. O historiador francês Louis Estancelin, que originou a atribuição, afirmou em 1832:

A descoberta que por acaso proporcionou-nos o diário [da viagem para Sumatra] não deixa mais nenhuma dúvida [...] Conveio publicar o diário e o livro dado por Ramusio na íntegra; essas duas peças apoiam-se mutuamente e não deixam dúvidas sobre a realidade e identidade da viagem que descrevem.¹²

- 11 Trata-se, assim, de uma expedição de 1529 liderada por Jean e Raoul Parmentier com dois navios, o «Sacre» e o «Pensée». A visita ao Brasil se inscreve no quadro dessa viagem. Ramusio, que publicou o “Discurso de um grande capitão”, parece crer que:

[O grande capitão francês] descreve a viagem que se faz para a nova terra das Índias Ocidentais, a que hoje chamamos de Nova França, e também para a terra do Brasil das chamadas Índias, para a Guiné e para a costa da Malagueta no litoral africano, que os franceses frequentam diariamente com seus navios. O capitão referido, com dois navios armados em Dieppe na Normandia, era capaz de ir até a ilha de Taprobane no leste, agora chamada de Sumatra, onde negociou com os habitantes, e, carregado de especiarias, voltou para casa.¹³

- 12 No entanto, surge uma questão: Ramusio diz que o *Discurso* foi escrito em 1539;¹⁴ mas Jean Parmentier morreu antes de 1531 ou 1532, como evidenciado pela coleção de seus poemas publicados post mortem por seu companheiro Pierre Crignon que lamenta a morte de Jean e Raoul Parmentier.¹⁵ Além disso, o texto do *Discurso* contém uma importante indicação cronológica: «uma parte da terra do Brasil foi primeiro descoberta pelos portugueses, isto há aproximadamente 35 anos».¹⁶ Jean Parmentier não poderia ser o autor do *Discurso* como pensou Ramusio; pelo contrário, seu amigo e companheiro de viagem Pierre Crignon parece antes ser o autor em questão. Ele já tinha escrito sobre a viagem para Sumatra; sua afinidade com a memória dos irmãos Parmentier o levou a publicar os poemas de Jean Parmentier combina bem com o desejo de comemorar as suas viagens numa obra sintética.

- 13 A paternidade de Crignon é, desde então, reconhecida na historiografia francesa.¹⁷ No entanto, existem outras versões, tais como a atribuição do texto ao cosmógrafo francês de origem portuguesa Jean Alphonse. Ainda outra hipótese é a de ver na pessoa de Jean Alphonse não o autor do *Discurso*, mas o autor da *Cosmografia*, cujas passagens inspiraram Ramusio, que as atribuiu a um certo «capitão».¹⁸

- 14 *****

- 15 Após a apresentação da obra de Ramusio e as discussões sobre a personalidade do autor do *Discurso* avançamos para o exame do mapa de Gastaldi, que vem junto com o texto. Existem três edições do terceiro volume das *Navegações e Viagens* — e, portanto, do mapa em questão — correspondentes aos anos de 1556, 1565 e 1606 (observemos que o terceiro volume sobre a América teve menos reedições do que os outros dois volumes do conjunto)¹⁹. A edição de 1565 retoma o layout da primeira edição de 1556 e por isso o mapa encontra-se em ambos os casos nas páginas 427–428, ao contrário da edição de 1606, onde ele aparece nas páginas 356–357. A partir desta observação, seria fácil presumir que as edições de 1556 e 1565 fossem bastante semelhantes entre si e

diferentes da variante de 1606. No entanto, a situação é a inversa: uma comparação das três variantes²⁰ mostra que as cópias de 1565 e 1606 são semelhantes, enquanto que a de 1556 é ligeiramente diferente das duas. As diferenças são de dois tipos:

- Diferencias tipográficas: fonte mais arredondada na edição de 1556, e mais aguda nas edições de 1565 e de 1606; o formato dos caracteres do número da página 427; a existência ou ausência de espaços entre as palavras nas inscrições «Rio de la Plata» e «Mar dolce»; a existência ou ausência de pontos depois dos topónimos).
 - Diferenças iconográficas: a posição e a configuração dos traços que simbolizam o relevo do país diferem sistematicamente entre si; o personagem com o machado na parte central do mapa tem a sua ferramenta virada para a esquerda na edição de 1556 e para a direita nas edições de 1565/1606; o personagem carregando troncos de árvores leva dois em 1556 e um só em 1565/1606; o arqueiro de sexo indefinido em 1556 tornou-se uma mulher com os seios marcados em 1565/1606; o rabo de um macaco na parte inferior do mapa está voltado para a esquerda em 1556 e para a direita em 1565/1606; etc.
 - Ortográficas e de conservação: o estado de armazenamento dos três exemplares do mapa (1556, 1565 e 1606) e as condições de suas digitalizações são diferentes. Assim, no exemplar da biblioteca de Heidelberg a folha com o mapa foi dobrada de tal maneira que mesmo quando ela está desdobrada, alguns pequenos elementos estão «carcomidos» pela dobra. O trecho se refere sobretudo às inscrições que perdem uma letra: «Mullonban(b)a prov. », «Terra no(n) descoberta», «Ponen(t)e», «Leva(n)te», etc. Todavia, uma verdadeira diferença de ortografia opõe, por sua vez, a variante de 1556 e as de 1565/1606: no primeiro caso se lê «Terra non discoperta» e no segundo «Terra non descoberta».
- ¹⁶ As três variantes do mapa correspondentes às edições de 1556, 1565 e 1606 estão em preto e branco. No entanto, a cópia da Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo é colorida, mas é difícil dizer quando a coloração foi inserida (a parte desenhada é de 1556, o que prova a comparação com a cópia de Biblioteca de Heidelberg). Mas pode se constatar que a coloração da cópia da USP não segue à tradição — ainda bem comum no século XVI — de mostrar os troncos das árvores de pau-brasil de maneira diferente das árvores comuns (fato que será discutido abaixo).
- ¹⁷ Comparemos agora os elementos essenciais do mapa e do texto.

Figura 2: Giacomo Gastaldi – Brasil (1556)

Em: Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigazioni et Viaggi (1556)

Exemplar da Biblioteca da Universidade de Heidelberg [<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0936>]

Figura 3: Giacomo Gastaldi – Brasil (1565)

Em: Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigationi et Viaggi (1565)

Exemplar da Biblioteca Nacional do Brasil [http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart395872.jpg]

Figura 4: Giacomo Gastaldi – Brasil (1606)

Em: Giovanni Battista Ramusio, Delle Navigationi et Viaggi (1606)

Exemplar da Gallica-BNF [<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131851r/f791.image>]

A apresentação geral do Brasil e a nomenclatura geográfica

- 18 Ao examinar a apresentação geral do Brasil proposta pelo texto e o mapa, constata-se tanto a semelhança como a divergência. Assim, o texto fala da terra do Brasil cujas extremidades são o cabo das Onze Mil Virgens (o cabo das Virgens atual) perto do Estreito de Magalhães, e o rio Maranhão (Amazonas); a longitude desta costa é uma soma de distâncias dos pontos de referência mais importantes (desde o cabo das Onze Mil Virgens: Rio da Prata, cabo de Santa Maria, cabo de Santo Agostinho, cabo de São Roque, golfo de São Lucas, cabo do Oeste, rio Maranhão). Para além deste rio, como observa Pierre Crignon, encontram-se as ilhas e as terras descobertas pelos espanhóis nas Índias Ocidentais.²¹ Ao mesmo tempo, essa apresentação do litoral não mostra as regiões interiores do Brasil.
- 19 Comparado com o Discurso, o mapa oferece uma visão diferente do Brasil. Em primeiro lugar, é orientado ao longo do eixo oeste-leste, o que não é incomum na época;²² a linha da costa do Atlântico vai, assim, da esquerda para a direita, e é aqui onde vemos uma diferença com relação ao texto: enquanto se mantém o rio Marañón como um dos limites naturais do país, o mapa mostra como a outra extremidade não mais o cabo das Onze Mil Virgens, mas o Rio da Prata (a legenda do mapa associa a este topônimo o nome de Juan Diaz Solis em homenagem à sua descoberta de 1516).
- 20 Gastaldi, de outro lado, não se limita a mostrar a faixa atlântica do país, mas apresenta também a massa do continente. Embora essas áreas sejam desconhecidas e careçam de

legenda — exceto «Mullobanba prov.» e «Terra non discoperta» — vê-se a silhueta de um vulcão em plena erupção. A cada lado do vulcão, o cartógrafo colocou um lago donde surgem os dois grandes rios mencionados acima — o rio da Prata e o Maranhão. Desta forma, Gastaldi participa de uma longa discussão cartográfica acerca da existência de um suposto lago no centro do continente, onde os dois rios nasceriam e pelo qual seriam ligados e converteriam o Brasil numa gigantesca ilha. A tese da insularidade do Brasil, presente nas obras de alguns cartógrafos do século XVI, adquiriu um caráter político no século XVII, e contribuiu para a demarcação das possessões portuguesas e espanholas na América do Sul.²³ Vê-se que Gastaldi não comungava com a ideia de ilha-Brasil, apesar de ter representado as nascentes dos dois grandes rios muito próximas uma da outra.

- 21 No que se refere à nomenclatura geográfica, as semelhanças entre o mapa e o texto são bastante visíveis. O mapa contém todos os topônimos mencionados no texto (com a exceção do cabo das Onze Mil Virgens e do estreito de Magalhães) e ainda representa uma dezena de outros. A maioria dos topônimos referem-se a cabos; depois seguem os rios. Um dos dois topônimos que figura no mapa sem a abreviatura de «C.» (cabo) ou «R.» (rio) chama particularmente a atenção: é o de Fernanbuc (Pernambuco), mencionado especialmente no *Discurso* como único ponto forte dos portugueses na costa:

Ao longo desta costa e para o ocidente, os portugueses não levantaram nenhuma fortaleza; encontra-se somente num lugar chamado Fernanbuch, situado além do cabo de Santo Agostinho, um fortim de madeira com alguns poucos exilados de Portugal.²⁴

- 22 É interessante constatar que a menção de «Fernanbuc» no mapa («Fernanbuch» no texto de Crignon) não é acompanhada por nenhum desenho ou pictograma que evoque uma cidade (uma torre ou um castelo, um campanário ou uma catedral). No entanto, um pictograma parecido com isso parece estar presente no mapa acima do cabo São Francisco, mas nenhum topônimo “urbano” o segue. De qualquer forma, o exemplo do “Fernanbuc” mostra que o mapa publicado na década de 1550 não reflete o desenvolvimento urbano no Brasil;²⁵ é aqui que ele corresponde ao texto que data do período anterior, e o texto, por sua vez, remonta à viagem que teve lugar numa época ainda mais remota.

A presença dos estrangeiros e a rivalidade franco-portuguesa no Brasil

- 23 É bem conhecido que no Renascimento o mapa geográfico desempenhou vários papéis, sendo que a função de instrumento político e diplomático não era uma das menos importantes.²⁶ Assim, os mapas mostram as bandeiras e os brasões de reis e nobres, contêm dedicatórias às grandes figuras desse mundo etc. O mapa do Brasil de Gastaldi tampouco está livre de referências políticas. A análise de suas particularidades seria incompleta sem considerar o texto que ilustra e acompanha o mapa.
- 24 À primeira vista, a representação do Brasil por Gastaldi é «politicamente neutra»: nenhum brasão é colocado nos contornos do país, não há nenhuma legenda que se refere à nacionalidade dos descobridores ou dos governantes. E ainda assim o Brasil de Gastaldi é disputado: fora do contorno do país aparecem as referências políticas e

diplomáticas. Trata-se das armas transportadas por muitos navios indo e vindo ao longo da costa brasileira.

- 25 Os cinco navios visíveis no mapa são todos diferentes. Das duas folhas que ocupa o mapa é o lado esquerdo que concentra a maioria dos navios (quatro); o lado direito só tem um. Entre todos os navios vemos dois com flores-de-lis francesas e três com brasões portugueses. Eles estão pintados os três na costa do Brasil, em um perímetro do espaço aquático do país. As embarcações francesas estão representados do lado de fora em relação aos navios portugueses. Seria isso uma interpretação iconográfica da ideia que as patrulhas navais portuguesas barraram o acesso do Brasil para os franceses?
- 26 Em todo caso, de todos, um dos dois navios franceses que ocupa uma posição privilegiada: é o maior de e mais detalhado, localizado quase no meio da área de água ao redor do Brasil; as suas velas estão inchadas e criam a sensação de movimento rápido; está se dirigindo para o Brasil, a sua proa está voltada para a costa.
- 27 Tal posição privilegiada do navio francês em comparação com os outros se corresponde perfeitamente com o tom geral do *Discorso*, que é um ardoroso panfleto em favor do comércio francês no Brasil,²⁷ mal visto pelos portugueses. Sabemos que a presença francesa no Brasil nos anos 1530-1540 foi significativa, inclusive devido ao baixo desenvolvimento da colônia pela coroa portuguesa; foi essa presença francesa que, em muitos casos, incentivou os portugueses a fortalecerem a costa e criarem uma rede de pontos fortes. No entanto, diversos vazios e lacunas nesta rede permitiram que os franceses continuassem a visitar o Brasil — para comerciar com os indígenas ou para abordar os navios portugueses quando uma oportunidade se apresentava. O medo constante dos portugueses era que um dia os franceses viessem ao Brasil para povoá-lo; mas além do rumor que correu sobre a viagem de Giovanni Verrazano, um florentino ao serviço de Francisco I no início dos anos 1520,²⁸ e de uma tentativa descrita pelo Barão de Saint-Blancard relativa à viagem do seu navio «Pèlerine» no final daquela mesma década,²⁹ não há exemplos conhecidos de criação de fortes núcleos permanentes pelos franceses no Brasil antes da fundação da França Antártica na Baía de Guanabara em 1555.
- 28 O eco de todas essas tendências pode ser claramente visto no *Discorso* e no mapa de Gastaldi. Já mencionamos o fato de que o cartógrafo não mostra vestígios de instalação europeia na costa, exceto a inscrição Fernanbuc sem complemento pictórico e certo pictograma em cima do cabo São Francisco, desprovido de legenda. Da mesma forma, Pierre Crignon afirma que «não se encontra ao longo desta costa fortaleza ou fortificação nenhuma que indique a presença dos portugueses, dos franceses ou dos espanhóis», o exemplo de Fernanbuc já referido como uma exceção.
- 29 O verdadeiro «campo de rivalidade» franco-portuguesa no Brasil — tanto no mapa quanto no texto — encontra-se numa outra dimensão, naquela do direito de visitar o Brasil. Os franceses alegam que os portugueses reservaram-no para si. O texto do *Discorso* registra os argumentos mais comuns dos franceses nesta discussão.
- 30 Pierre Crignon desenvolve seus propósitos em defesa do direito de visitar o Brasil de duas maneiras. A primeira refere-se ao direito do descobridor e à legitimidade relacionada com a prioridade da descoberta. Por um lado, o autor francês ataca os portugueses neste campo; por outro lado, ele é forçado a defender-se com as mesmas armas. Assim, ele protesta contra uma situação na qual

tão logo os portugueses navegaram ao longo de uma costa, apreenderam-na e consideraram-na como conquista sua, conquista fácil e barata, pois não precisou de assalto nem de resistência.³⁰

- 31 Por outro lado, não podendo negar completamente o direito do descobridor avançado por Portugal, Pierre Crignon estende-o a modo de beneficiar seus compatriotas:

esta terra do Brasil foi descoberta pelos portugueses há cerca de trinta e cinco anos. Denis de Honfleur descobriu a outra parte há quase vinte anos; desde então muitos outros navios franceses têm nela atracado, sem encontrar qualquer vestígio de domínio português. Também os habitantes são perfeitamente livres e não reconhecem nem poder real nem leis; eles amam mais aos franceses.³¹

- 32 A declaração de Crignon sobre a descoberta de uma parte do litoral brasileiro pelos franceses não é um exemplo único. No final da década de 1520 o mesmo argumento foi usado pelos bretões, cujos navios foram interceptados pelos portugueses no Brasil;³² algumas décadas mais tarde, o autor anônimo do Discurso dos normandos a favor do comércio das Índias (*Discours des Normands pour le traficque des Indes*) constatará amargamente que «foram os franceses os que primeiro descobriram em parte o que hoje outros possuem».³³ Em 1582, o historiador protestante Lancelot Voisin de La Popelinière evoca essa ideia, lamentando que se os normandos e os bretões não tivessem «o espírito nem a discrição de deixar um só escrito público como garantia de seus projetos, tão altivos e generosos quanto os dos outros», erro pelo qual foi o Portugal, superior de todas as nações na teoria e na prática das descobertas marítimas, que atribuiu-se «a vantagem de ser [...] o tranquilo senhor do [Brasil] por meio de Pedralvarez [Cabral]».³⁴ Finalmente, no século XVII, a ideia da prioridade francesa na descoberta de parte da costa brasileira é atestada pelo jesuíta G. Fournier, autor de uma *Hydrografia*,³⁵ assim como pelo viajante François Pyrard de Laval.³⁶

- 33 Voltando ao argumento de Crignon e às modalidades da sua representação no mapa de Gastaldi, notamos que a questão no Discurso era a de defender o direito dos franceses a visitar o Brasil, e não a de estabelecer-se ali permanentemente. Assim, o mapa de Gastaldi sugere a presença dos europeus com seus navios e bandeiras fora dos contornos do país. Crignon insiste na anterioridade do comércio franco-indiano e destaca a tese da falta de domínio português em áreas frequentadas pelos franceses. A familiaridade dos franceses com algumas áreas costeiras se efetuava, portanto, na ausência de qualquer obstáculo.

- 34 Esses argumentos devem ser colocados no contexto da controvérsia franco-portuguesa sobre a liberdade dos mares: os portugueses reconheciam, em princípio, a liberdade de navegação para todos os mares conhecidos, mas os outros, diziam eles, não eram livres. Ao contrário, a tese francesa reivindicava a liberdade de navegação em todos os mares sem exceções nem restrições; um direito extensivo a essa liberdade era o de comerciar com os índios do Brasil.³⁷

- 35 Esta consideração leva-nos a examinar a representação desse comércio franco-indiano tanto no mapa de Gastaldi como no Discurso.

O comércio da troca

- 36 Seguindo o exemplo de outros cartógrafos da época, Gastaldi insere no mapa do Brasil cenas do cotidiano: elas preenchem zonas interiores do país ainda desconhecidas. Vemos ali índios sentados sob as árvores descansando nas redes ou dentro de casas,

atirando com arco, cortando árvores e transportando troncos. A árvore em questão é o célebre pau-brasil, de madeira vermelha, que atraiu tanto os europeus e que aos seus olhos era um dos principais recursos do Brasil. O pau-brasil serviu para extrair uma matéria corante e depois pintar ou preparar as cores dos tecidos, tintas coloridas, vernizes, etc.; por outro lado, os marceneiros usaram a madeira vermelha na arte decorativa. No seu estado natural, as árvores não tinham nada que indicasse especialmente as suas qualidades tintoriais, sendo a cor vermelha da madeira revelada só quando a casca é removida. No entanto, em algumas imagens e mapas do século XVI desenharam-se troncos de árvore vermelha para evocar o pau-brasil. Na versão colorida do mapa de Gastaldi (o exemplar da USP) este processo não é usado; no entanto, uma distinção de cor na representação das árvores comuns e dos troncos de pau-brasil pode observar-se em diferentes mapas do Brasil da primeira metade do século XVI.³⁸ Utiliza-se esse método não apenas para mapas, mas também em outros documentos iconográficos; assim, uma imagem francesa da década de 1550 mostra bem os troncos vermelhos das árvores que deviam simbolizar o pau-brasil durante um espetáculo em Rouen, em 1550 por ocasião da entrada solene do rei Henrique II.³⁹

- 37 A madeira vermelha foi um dos principais itens de troca no comércio dos índios com os europeus. Estes últimos ficaram surpresos que os nativos desconhecessem os metais e o uso da moeda; assim, os objetos pelos quais os europeus receberam madeira vermelha foram frequentemente artigos em ferro. Os índios, do outro lado, tiveram que cortar árvores, remover galhos, transportar troncos para o local onde os navios estavam ancorados e até mesmo participar no carregamento.

- 38 O Discurso descreve os habitantes do Brasil que

[...] trocam madeiras preciosas por machados pequenos, cunhas de ferro e facas. Em algumas regiões, os habitantes são obrigados a buscar a madeira para o comércio muitas vezes a 30 lugares no interior do país... Todos carregam seu pedaço de madeira até a costa, onde eles o entregam aos franceses, recebendo alguns machados pequenos, algumas cunhas, facas e objetos de ferro [...] ⁴⁰

- 39 Da mesma forma, veem-se no mapa de Gastaldi vários personagens que cortam madeira (dois nativos do lado esquerdo, um personagem no centro e seu vizinho com uma foice com a qual corta os ramos do tronco). Outros quatro personagens pelo menos carregam os troncos nos seus ombros; os troncos separados ou juntos são deitados no chão. Para animar o cenário, o pintor introduz aves (papagaios, obviamente) que se sentam em troncos colocados no chão ou ficam empoleirados em troncos transportados pelos índios.⁴¹

- 40 Os esforços consideráveis dos índios recompensados com uma ferramenta de pouco valor deram aos autores franceses do século XVI um pretexto para refletir sobre essa incoerência. As opiniões divergiram muito, ao tempo que Pierre Crignon constata que «esses povos dão mais importância a um prego do que a um escudo», ⁴² o viajante André Thevet acha que os índios fazem tanto esforço devido ao amor que eles sentem pelos cristãos: eles os «amam, prezam e veneram»; ⁴³ por seu lado, o capuchinho Yves d'Evreux no início do século XVII louva a sabedoria dos índios que reconhecem um valor concreto e real de uma ferramenta em vez de deslumbrar-se com falsos valores e do luxo encarnados nas pedras preciosas.⁴⁴

- 41 Ao comparar o texto do Discurso citado acima e o mapa de Gastaldi, vemos que o cartógrafo segue cuidadosamente as instruções de Pierre Crignon. Assim, na parte central os personagens que cortam madeira são colocados no interior, enquanto que

aqueles que carregam os troncos para os comerciantes franceses são representados perto da costa. Eles todos conformam um grupo aparte; cinco personagens, homens, mulheres e animais dirigem-se da esquerda para a direita (ou seja, olham para a direita); no final da trajetória são aguardados por dois comerciantes franceses. A posição destes últimos não é escolhida ao acaso; o índio que estende a mão para os franceses e o comerciante que responde a este gesto estão localizados na costa, entre as inscrições «R. Real», «R. de S. Francesco» e «C. de S. Agustin». Ora, trata-se precisamente da região mais visitada pelos franceses segundo o Discorso:

A parte mais frequentada pelos franceses e bretões está situada entre o Cabo de Santo Agostinho e o Pôrto Real, que se acha a doze graus. É também nesta parte da costa que se encontra o melhor pau-brasil, e na maior quantidade.⁴⁵

- 42 É interessante encontrar as mesmas indicações topográficas nos livros da segunda metade do século XVI e até mesmo no XVII. Citamos alguns exemplos em ordem cronológica. Num mapa da América do atlas *Theatrum Orbis Terrarum* de Abraham Ortelius (primeira edição de 1570), distinguem-se as palavras «Porto Real ad quem Galli mercatum navigant»⁴⁶ («Porto Real onde os comerciantes franceses navegam») precisamente na altura do «R. de S. Francesco», do «R. Real», e do «R. de S. Agostino». O historiador protestante La Popelinière, mencionado acima, afirmou em 1582 que «os franceses, os normandos sobretudo e os bretões, mantêm [...] relações há muito tempo com os selvagens do Brasil no rio de São Francisco no lugar que foi chamado de Porto Real.»⁴⁷ O jesuíta Padre Fournier escreveu em 1643 que «normandos e bretões têm [...] desde longo tempo comerciado no rio São Francisco, de onde eles trazem a madeira que eles chamam de brasil, peculiar por sua coloração».⁴⁸
- 43 O mapa de Gastaldi e o Discorso d'un gran capitano que o acompanha surgem como iniciadores de uma tradição que continuará na segunda metade do século XVI e no século XVII.

Conclusão

- 44 A análise das informações contidas no mapa de Gastaldi e no Discorso d'un gran capitano que ele ilustra, mostra que há menos diferenças que semelhanças entre estes documentos. O mapa de Gastaldi é mais rico em topônimos e apresenta não só a costa, mas também uma área no interior do continente onde nascem os dois grandes rios da América do Sul, enquanto o texto, que define o Brasil em termos extensivos incluindo nele todo o Cone Sul da América, trata apenas do litoral. Em contraste, o cartógrafo segue de perto o escritor na questão do desenvolvimento urbano no Brasil: Fernanbuc, considerado por Crignon como único ponto forte dos portugueses em 1539 (data da redação do seu texto) é representado como tal por Gastaldi em 1556. O anacronismo cresce ainda com as edições de 1565 e 1606.
- 45 Os outros aspectos do mapa correspondem à descrição de Crignon e representam suas informações por meios iconográficos. Assim, a importância que o autor do Discorso d'un gran capitano presta à liberdade de comércio dos franceses com os índios se traduz no mapa na abundância de cenas do comércio cotidiano que se referem ao corte e ao comércio da madeira vermelha e na posição privilegiada do navio francês relativo aos outros navios. Mesmo o lugar no mapa onde estão representados os comerciantes franceses é escolhido de acordo com as referências espaciais contidas no texto.

- 46 Levando-se em conta o fato de que o terceiro volume das Navegações e viagens de Ramusio teve três edições, podemos supor que essa popularidade contribuiu para a disseminação do «olhar francês sobre o Brasil». Sem afirmar asseguradamente que as informações sobre o Brasil nas obras geográficas de síntese, tais como os livros de La Popelinière ou do Père Fournier, provieram especificamente de Ramusio (embora algumas evidências indiretas pareçam mostrar isto),⁴⁹ não se pode negar a semelhança de certas hipóteses que nelas se encontram, com os dados de Crignon ilustrados por Gastaldi.

BIBLIOGRAFIA

- ANTHIAUME A. Cartes marines. Constructions navales. Voyages et découvertes chez les Normands (1500 – 1650). Paris, Dumont, 1916, vol. 1.
- BARNES, J. Randall. Giovanni Battista Ramusio and the history of discoveries: An analysis of Ramusio's commentary, cartography, and imagery in "Delle Navigationi et Viaggi". Arlington : The University of Texas at Arlington, 2007
- BIAGGI, LECA De & DROULERS M. Cartographie et formation territoriale. In : Cahiers des Amériques latines № 34, 1991, p. 42 – 4
- BROC N. La géographie de la Renaissance. Paris, Editions du CTHS, 1986
- CORTESÃO J. Historia do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro : Instituto de Rio Branco, 1965, vol. 1
- COSGROVE D. Mapping New Worlds: Culture and Cartography in Sixteenth-Century Venice. In: Imago Mundi, Vol. 44 (1992)
- HORODOWICH L. Armchair Travelers and the Venetian Discovery of the New World. In: The Sixteenth Century Journal, Vol. 36, No. 4 (Winter, 2005)
- JULIEN Ch.-A., Les débuts de l'expansion et de la colonisation française (XV^e-XVI^e siècles). Paris : PUF, 1948
- MARTINIERE G. Le Brésil, terre d'enjeux de la colonisation européenne des temps modernes (XVI^e – XVIII^e siècle). In : MERIAN J. Y. (dir.) Les aventures des Bretons au Brésil à l'époque coloniale. Rennes :Les Portes du Large, 2007
- MOLLAT M. Le commerce maritime normand à la fin du Moyen Age. Paris : Plon, 1952
- MOLLAT M., HAUBERT J. Voyages et découvertes. Giovanni et Girolamo Verrazano navigateurs de François I^{er}. Dossiers de voyages établis et commentés par M. Mollat du Jourdin et J. Haubert. Paris : Imprimerie nationale, 1982
- MONTAIGNE J.-M. Le trafic du Brésil. Navigateurs Normands, Bois Rouge et Cannibales pendant la Renaissance. Rouen : ASI Communications, 2000
- PARKS G. B. Ramusio's Literary History. In: Studies in Philology [University of North Carolina Press], Vol. 52, No. 2 (Apr., 1955)

PARKS G.B. The contents and sources of Ramusio's Navigationi. In: RAMUSIO Giovanni Battista. Navigationi et viaggi. Amsterdam, Theatrum Orbis Terrarum 1967-1970, vol. 1, p. 1-37.

VERGE-FRANCESCHI M. Chronique maritime de la France d'Ancien Régime. Paris, 1998

ANEXOS

Documentação

Carta d'El Rey João III. In : GAMA, J.F. Fernandes. Memorias historicas da provincia de Pernambuco. Pernambuco: Typographia de M. F. de Faria, 1844

Discours des Normands pour le trafic aux Indes. In : ANTHIAUME A. Cartes marines. Constructions navales. Voyages et découvertes chez les Normands (1500 – 1650., Paris, Dumont, 1916, vol. 2, p. 565.

ESTANCELIN L. Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands en Afrique, dans les Indes orientales et occidentales. Paris : édition de Gérard Monfort, 1832

EVREUX Y. d'. Suite de l'Histoire des choses plus mémorables advenues en l'île de Maragnan es années 1613 et 1614. In : Evreux Y. d', Clastres H. (éd.). Voyage au nord du Brésil fait en 1613 et 1614, Paris, Payot, 1985

FOURNIER G. Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation, composée par père Georges Fournier de la Compagnie de Jésus ; seconde édition, à Paris chez Jean Dupuis, MDCLXVII

GUENIN E. Ango et ses pilotes. D'après les documents inédits tirés des archives de France, de Portugal et d'Espagne. Paris : Imprimerie nationale, 1901

HOFFMAN B. G. Account of a Voyage Conducted in 1529 to the New World, Africa, Madagascar, and Sumatra, Translated from the Italian, with Notes and Comments. In: Ethnohistory, vol. 10, № 1 (Winter, 1963)

LE TESTU G. Côtes du Brésil ; Océan Atlantique Sud entre l'Afrique occidentale et le Brésil In : Cosmographie universelle selon les navigateurs, tant anciens que modernes, 1556, f. XLV, XLVI. – Bibliothèque de Vincennes.

LA POPELINIERE. Les trois mondes. Edition établie et annotée par A.-M. Beaulieu. Genève : Librairie Droz, 1997

LERY J. de. Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil (1578, seconde édition – 1580) / Texte établie, présenté et annoté par F. Lestringant. Paris., 1999

NOTHNAGLE J. Pierre Crignon : poète et navigateur. Œuvres en prose et en vers, présentées et annotées par J. Nothnagle. Birmingham (Alabama) : Summa publications, 1990

ORTELIUS A. Theatrum orbis terrarum (1570). Atlas, Museu das Belas Artes Pouchkine (GMII), Moscou, département de graphique, inv. № 1601

[PYRARD DE LAVAL, F.] Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales (1601 – 1611), contenant sa navigation aux Maldives, Moluques, Brésil; les divers accidents, aventures

et dangers qui lui sont arrivés en ce voyage, tant en allant et retournant, que pendant son séjour de dix ans en ces pays-là. Paris : Editions Chandeigne, 1998, vol. 2

RAMUSIO G. B. Terzo Volume delle Navigationi et Viaggi, nel quale si contengono le Navigationi al Mondo Nuovo, à gli Antichi incognito, fatte da Christoforo Colombo Genovese, [...] & accresciuti poi da Fernando Corteze, da Francesco Pizarro, & altri valorosi Capitani, in diverse parti delle dette Indie, in nome di Carlo V imp [...], Venetia, 1556

Relações das [cartas] patentes que mandou João da Silveira do a que veio o Rey d'armes [Helies Alesgle d'Angoulême], [1528?]. In: Bibliothèque nationale de France, Nouvelles Acq. Françaises, 9386, f. 104

SANTAREM, visconde de. Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarquia portuguesa até os nossos dias. Paris, 1843, tomo 3

THEVET A. La Cosmographie universelle d'André Thevet cosmographe du Roi, illustrée de diverses figures des choses les plus remarquables vues par l'auteur et inconnues de nos Anciens et Modernes. In : Les Français en Amérique pendant la seconde moitié du XVI^e siècle. Paris : Presses universitaires françaises, 1953

NOTAS

1. [http://www.cartografiahistorica.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=99&idMapa=579]
 2. RAMUSIO G. B. Terzo Volume delle Navigationi et Viaggi, nel quale si contengono le Navigationi al Mondo Nuovo, à gli Antichi incognito, fatte da Christoforo Colombo Genovese, [...] & accresciuti poi da Fernando Corteze, da Francesco Pizarro, & altri valorosi Capitani, in diverse parti delle dette Indie, in nome di Carlo V imp [...]. Venetia, Nella Stamperia de Giunti, 1556; 1565; 1606.
 3. SKELTON R.A. Introduction. In: RAMUSIO Giovanni Battista. Navigationi et viaggi. Amsterdam, Theatrum Orbis Terrarum 1967-1970, vol. 1, p. VI, VII.
 4. Ibidem.
 5. Ibid, p. XII.
 6. COSGROVE D. Mapping New Worlds: Culture and Cartography in Sixteenth-Century Venice. In: Imago Mundi, Vol. 44 (1992), p. 74.
 7. O texto ao qual nos referimos aqui provém da edição de 1556 (conservada na biblioteca de Heidelberg): Terzo Volume delle Navigationi et Viaggi, nel quale si contengono le Navigationi al Mondo Nuovo, à gli Antichi incognito, fatte da Christoforo Colombo Genovese, [...] & accresciuti poi da Fernando Corteze, da Francesco Pizarro, & altri valorosi Capitani, in diverse parti delle dette Indie, in nome di Carlo V imp [...], Venetia In Venetia nella stamperia de Giunti, l'anno MDLVI.
- Mencionem-se duas importantes edições modernas fac-similares:
- RAMUSIO Giovanni Battista. Navigationi et viaggi. Venice, 1563-1606. With an introd. by R. A. Skelton and an analysis of the contents by George B. Parks. Amsterdam: Theatrum Orbis Terrarum, 1967-1970, 3 vols ; RAMUSIO Giovanni Battista. Navigationi et viaggi. A cura di Marica Milanese. Torino: G. Einaudi, 1978, 6 vols.

Existem também traduções do italiano :

Para o francês :

— «Discours d'un grand navigateur du port de Dieppe en France, sur les voyages faits aux terres nouvelles des Indes Occidentales, dans la partie appelée la Nouvelle France, depuis le 40° jusqu'au 47° degré, sous le pôle arctique, aux terres du Brésil, de la Guinée et aux îles de Saint Laurent et de Sumatra, jusqu'où sont parvenus les caravelles françaises», In : ESTANCELIN L. Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands en Afrique, dans les Indes orientales et occidentales. Paris : édition de Gérard Monfort, 1832, pp. 216-240.

— «Discours d'un grand capitaine de mer français du lieu dit de Dieppe sur les navigations faites à la terre neuve des Indes Occidentales, nommé la Nouvelle France, [s'étendant] de 40° jusqu'à 47° sous le pôle arctique, et sur la terre du Brésil, de Guinée, de l'île Saint-Laurent et de celle de Sumatra, jusqu'où ont navigué les caravelles et les navires français», In : Pierre Crignon : poète et navigateur. Œuvres en prose et en vers, présentées et annotées par J. Nothnagle. Birmingham (Alabama) : Summa publications, 1990, pp. 95 – 113.

Para o inglês: HOFFMAN Bernard G. «Account of a Voyage Conducted in 1529 to the New World, Africa, Madagascar, and Sumatra, Translated from the Italian, with Notes and Comments», In: Ethnohistory, vol. 10, № 1 (Winter, 1963), p. 1-79. Disponível em: [<http://www.jstor.org/stable/480388>]. Encontra-se nesta publicação uma reprodução em fac-símile do livro em questão (pp. 33-40).

8. Discorso d'un gran capitano..., In: Terzo volume delle Navigazioni et Viaggi, p. 417v.

9. Sobre a experiência francesa de Ramusio ver PARKS G. B. Ramusio's Literary History In: Studies in Philology [University of North Carolina Press], Vol. 52, No. 2 (Apr., 1955), p. 129-130.

10. SKELTON R.A. Op.cit., p. IX.

11. «Questo discorso ci é parso veramēte molto bello, & degno di esser letto da ogni uno, ma ben ci dolemo di non sapere il nome dell'auttore, pcioche nō nonendo il suo nome ci par di fare ingiuria alla memoria di cosi valēte, & gētil caualiero.» Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigazioni et Viaggi, p. 417v.

12. ESTANCELIN L. Op. cit., p. 189.

13. «[un Grā Capitano Frācese] descriue il viaggio, che si fa alla terra nuoua dell'Indie Occidentali, che hora chiamano la nuoua Frācia, & ancho alla terra del Brasil pur delle dette Indie, Guinea, costa delle Meleghette sopra l'Africa, doue tutto il giorno li Frācesi praticano cō lor navi. il sopradetto Capitano poi con due naui armate in Dieppa di Normandia, volse andar fino all'Isola Taprobana in Leuante hora detta Sumatra, doue cōtrattto con quei popoli, & carico di specie ritornò à casa.» Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigazioni et Viaggi, p. 417v.

14. Ibidem.

15. Parte da coleção em questão é intitulada «Déploration sur la mort desditz Parmentiers composée par Pierre Crignon, compagnon desditz Parmentiers en ladicte nauigation». A menção da última página do livro dá como data de impressão o 7 de janeiro de 1531 (na época o ano novo começava na Páscoa, e trata-se, portanto, do ano 1532 de acordo com o novo estilo). NOTHAGLE J. Op. cit., p. 10.

16. ESTANCELIN L. Op. cit., p. 230. Assim, segundo o Discorso, a data do descobrimento do Brasil é 1504; essa idéia não era incomum no século XVI, quando alguns mapas geográficos de influência internacional mostravam a legenda «Bresília a Lusitanis A° 1504 inventa». ORTELIUS A. Theatrum orbis terrarum (1570). Atlas, Museu das Belas Artes Pouchkine (GMII), Moscou, departamento de gráficas, inv. № 1601.

(Exemplar da Library of Congress: [<http://www.loc.gov/resource/g3200m.gct00003/#seq-2>]).

Essa datação remonta à segunda viagem de Américo Vespúcio.

17. Cf. ANTHIAUME A. Cartes marines. Constructions navales. Voyages et découvertes chez les Normands (1500 – 1650). Paris, Dumont, 1916, vol. 1, p. 460 ; JULIEN Ch.-A. Les Français en Amérique pendant la première partie du XVI^e siècle. Paris : PUF, 1946, p. 24.
 18. PARKS G.B. The contents and sources of Ramusio's Navigazione. In: RAMUSIO Giovanni Battista. Navigazione et viaggi. Amsterdam, Theatrum Orbis Terrarum 1967-1970, vol. 1, p. 35.
 19. Ibid, p. 1.
 20. No que se refere ao exemplar de 1556, consultamos o da biblioteca de Heidelberg [<http://digi.ub.uni-heidelberg.de/diglit/ramusio1556bd3/0936>]; para o exemplar de 1565 o da Biblioteca Nacional do Brasil [http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_cartografia/cart395872.jpg] e para o exemplar de 1606 o da Biblioteca nacional da França [<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k131851r/f791.image>].
 21. Discorso d'un gran capitano...In: Terzo volume delle Navigazione et Viaggi, p. 426r.
 22. Cf. os mapas do Brasil por Guillaume Le Testu (1556): LE TESTU G. Côtes du Brésil ; Océan Atlantique Sud entre l'Afrique occidentale et le Brésil In : Cosmographie universelle selon les navigateurs, tant anciens que modernes, 1556, f. XLV, XLVI. – Bibliothèque de Vincennes. Reprodução em cores: MONTAIGNE J.-M. Le trafic du Brésil. Navigateurs Normands, Bois Rouge et Cannibales pendant la Renaissance. Rouen: ASI Communications, 2000, p. 17.
 23. Sobre a tese da insularidade do Brasil ver: CORTESÃO J. Historia do Brasil nos velhos mapas. Rio de Janeiro: Instituto Rio Branco, 1965, vol. 1; LECA De BIAGGI E., DROULERS M. Cartographie et formation territoriale. In: Cahiers des Amériques latines № 34, 1991, p. 42-43; MARTINIERE G. Le Brésil, terre d'enjeux de la colonisation européenne des temps modernes (XVI^e – XVIII^e siècle). In: MERIAN J. Y. (dir.) Les aventures des Bretons au Brésil à l'époque coloniale. Rennes :Les Portes du Large, 2007, p. 27.
 24. «A lungo questa costa così verso ponente, come mezzo di, non vé alcuna fortezza ne castello per li Portoghesi, slvo vn luogo detto Fernanbuch, il qual è appresso capo di santo Agostino, dove è certe piccole fortezze di legname con alcune poche gëte bādite di Portogallo». Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigazione et Viaggi, p. 426r.
 25. Assim, em meados da década de 1550, no litoral do Brasil, já tinha São Vicente (1532), Porto Seguro (1535), Ilheus (1536), Santos (1536), Salvador (1549), Espírito Santo (1551).
 26. BROU N. La géographie de la Renaissance. Paris, Editions du CTHS, 1986, p. 43.
 27. Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigazione et Viaggi, p. 426v.
 28. «1522. Nesta data sendo El Rei avisado por alguns Portuguezes que negociavão em França que certo Florentino, por nome João Verezano, se havia offerecido a Francisco I Rei de França, para descobrir no Oriente novos reinos, e para irem povoar o Brasil, se fazião nos portos de Normandia prestes varias armadas com o favor dos Almirantes das costas de França, e dissimulação do dito Francisco I, juntando-se a isto as quiexas que em Portugal havia pelos damnos que se experimentavão da parte dos corsarios francezes». SANTAREM, visconde de. Quadro elementar das relações políticas e diplomáticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, desde o principio da monarquia portuguesa até os nossos dias. Paris, 1843, tomo 3, p. 197-198.
 29. Sobre a viagem da «Pèlerine» e a tentativa de estabelecer uma fortaleza francesa no Brasil ver: Protestation de Bertrand d'Ornessan, baron de Saint-Blancard, commandant les galères du roi dans la Méditerranée, contre la prise du navire «La Pèlerine». In: GUENIN E. Ango et ses pilotes. D'après les documents inédits tirés des archives de France, de Portugal et d'Espagne. Paris: Imprimerie nationale, 1901, p. 256-261 (original em latim) et p. 42-47 (tradução da parte principal do documento ao francês).
- Essa tentativa não passou despercebida pelos portugueses, como evidenciado por uma carta de D. João III de Portugal a Martim Afonso de 28 de setembro de 1532: «Na costa de Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravelas que andavam na armada do Estreito, uma nau francesa carregada de brasil, e trazida nesta cidade a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou

gente em terra, e desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou la 70 homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem». Carta d'El Rey João III. In: GAMA, J.F. Fernandes. Memorias historicas da provincia de Pernambuco. Pernambuco: Typographia de M. F. de Faria, 1844, vol.1, p. 59-61.

30. «Poscia che esti hanno nauigato al lungo d'una costa, esti se la fanno tutta sua. Ma tal conquista è molto facile à fare & senza grã spesa, perche non vi sono assalti, ne resistentia». Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigazioni et Viaggi, p.426v .

31. «Questa terra del Brasil fu primamente scoperta da Portoghesi in qualche parte, & sono circa trentacinque anni. L'altra parte fu scoperta per uno de Honfleur chiamato Dionisio di Honfleur da venti anni in qua. & di poi molti altri nauilij di Francia vi sono stati, & mai non trouorono Portoghesi in terra alcuna che la tenessero per il Re di Portogallo. & quelli della terra sono liberi, & non soggetti ne à Re, ne à legge, & amano piu li Francesi». Ibidem.

32. «A El-Rey nosso soberano senhor e a meus senhores do seu conselho Supricam humilmente Yvon de Cretugar, Frances [François] Guerret, Mathurin Fournemouche, Joham Bureau e Joham Jamet, mercadores de vossa terra e ducado de Bretanha, vossos muito humildes servidores e sujeitos, como os ditos supricantes que são mercadores frequentando os mares e muitas diversas terras e entre outras as terras do Brasil que são muito grandes, as quaes os bretões descobriram e per alguns lugares e os portugueses per outros lugares». Relações das [cartas] patentes que mandou João da Silveira do a que veio o Rey d'armes [Helies Alesgle d'Angoulême], [1528?]. In: Bibliothèque nationale de France, Nouvelles Acq. Françaises, 9386, f. 104.

Note-se que o episódio com a captura de três navios bretões no Brasil em 1527, que levou a uma disputa (na qual foi formulada uma reivindicação de prioridade na descoberta de uma parte do Brasil), foi descrito nos documentos cujos originais franceses não foram encontrados até hoje, e que conhecemos através das traduções portuguesas da época, conservadas nos arquivos da Torre do Tombo, em Lisboa.

A declaração dos bretões de Saint-Pol-de Leon teve problemas antes de que seu status como documento autêntico fosse estabelecido por M. Mollat. No final do século XIX, o especialista em história da marinha francesa Ch. de La Roncière, indicou a presença de uma cópia em português nos arquivos portugueses. O historiador português A. Pimenta seguiu esta referência e não encontrou nenhuma evidência do Brasil nos documentos referidos que falaram das Molucas; isso deu oportunidade a Ch. -A. Julien, um eminente especialista em história colonial da França, de excluir: «Esta é a forma como a história é escrita... Seria melhor se pudéssemos reescrevê-la». JULIEN Ch.-A., Les débuts de l'expansion et de la colonisation française (XV^e-XVI^e siècles). Paris : PUF, 1948, p.17. Somente alguns anos mais tarde, M. Mollat explicou que o desacordo foi causado por um erro no arquivamento e restabeleceu a declaração dos bretões nos seus direitos. MOLLAT M. Le commerce maritime normand à la fin du Moyen Age. Paris : Plon, 1952, p. 256, n.35. O episódio de 1527 é também examinado em: RAMALHOSA GUERREIRO L. M. La prise de trois navires bretons sur les côtes du Brésil en 1527. In : La Bretagne, le Portugal, le Brésil : Echanges et rapports. Actes du Cinquantenaire de la création en Bretagne de l'enseignement du portugais. Paris: Les Presses du Palais Royal, 1973, pp. 103-111.

33. Discours des Normands pour le trafic aux Indes. In: ANTHIAUME A. Cartes marines. Constructions navales..., vol. 2, p. 565.

34. LA POPELINIERE. Les trois mondes. Edition établie et annotée par A.-M. Beaulieu. Genève : Librairie Droz, 1997, p. 379, 380.

35. FOURNIER G. Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation, composée par père Georges Fournier de la Compagnie de Jésus ; segunda edição em Paris por Jean Dupuis, MDCLXVII, p.245 (a primeira edição data de 1643 : cf. VERGE-FRANCESCHI M. Chronique maritime de la France d'Ancien Régime. Paris, 1998, p. 36).

36. [PYRARD DE LAVAL, F.] Voyage de Pyrard de Laval aux Indes orientales (1601 – 1611), contenant sa navigation aux Maldives, Moluques, Brésil; les divers accidents, aventures et

dangers qui lui sont arrivés en ce voyage, tant en allant et retournant, que pendant son séjour de dix ans en ces pays-là. Paris : Editions Chandeigne, 1998, vol. 2, p. 809.

37. MOLLAT M., HAUBERT J. Voyages et découvertes. Giovanni et Girolamo Verrazano navigateurs de François I^{er}. Dossiers de voyages établis et commentés par M. Mollat du Jourdin et J. Haubert. Paris : Imprimerie nationale, 1982, p. 119.

38. Citamos como exemplo o Atlas nautique du Monde, também Atlas Miller de Lopo Homem (1519), os mapas do Brasil de Jean Rotz (1542) e de Nicolas Vaillard (1547). As árvores e os arbustos que formam as florestas não são marcados com a cor específica; mas os troncos que os índios carregam em seus ombros para a costa são de um vermelho profundo. Cf. o exemplar digitalizado do Atlas Miller [<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40887479k>] e as reproduções em cor contidas em: MONTAIGNE J.-M. Op. cit., p. 15, 38.

39. Um detalhe dessa miniatura mostrando as árvores de troncos vermelhos é reproduzido em: MONTAIGNE J.-M. Op. cit., p. 32 ; BUENO E. Brasil: uma História. A Incrível saga de um país. São Paulo, 2003, p. 23.

40. «Barattano il verzin in manarette, cunei, coltelli, & in qualche luogo é necessario che lo vadino à cercar in compagnia fin à trente leghe dentro del paese [...] & partano ciasun il suo pezzo di legno alli Francesi fin alla marina, & barattano colle dette manare, cunei & coltelli & altri ferramenti». Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigationi et Viaggi, p. 426r.

41. Observamos que o mesmo motivo — papagaios sentados em troncos que os índios carregam para os franceses — pode ser visto num relevo de madeira proveniente de uma casa de Rouen do século XVI (Rouen. Musée départemental des Antiquités. № 53). Trata-se de um baixo-relevo de madeira esculpido chamado de «Ilha do Brasil» proveniente da fachada da rua Malpalu 17 em Ruão.

42. Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigationi et Viaggi, p. 426r.

43. THEVET A. La Cosmographie universelle d'André Thevet cosmographe du Roi, illustrée de diverses figures des choses les plus remarquables vues par l'auteur et inconnues de nos Anciens et Modernes. In : Les Français en Amérique pendant la seconde moitié du XVI^e siècle. Paris : Presses universitaires françaises, 1953, p. 221.

44. EVREUX Y. d'. Suite de l'Histoire des choses plus mémorables advenues en l'île de Maragnan es années 1613 et 1614. In : Evreux Y. d', Clastres H. (éd.). Voyage au nord du Brésil fait en 1613 et 1614, Paris, Payot, 1985, p. 83 – 84.

45. «Dal capo di santo Agostino fin al porto reale, il quale in dodici gradi. quiui è doue li Francesi & Bretoni frequentano piu, & doue si troua piu verzino & migliore». Discorso d'un gran capitano... In: Terzo volume delle Navigationi et Viaggi, p. 426r

46. ORTELIUS A. Theatrum orbis terrarum. Museu das Belas Artes Pouchkine (GMII), Moscou, département de graphique, inv. № 1601. Exemplar da Library of Congress: [<http://www.loc.gov/resource/g3200m.gct00003/#seq-2>]

47. LA POPELINIERE. Les trois mondes., p. 379, 380.

48. FOURNIER G. Hydrographie contenant la théorie et la pratique de toutes les parties de la navigation..., p. 245.

49. Assim, na parte que se refere à América espanhola, La Popelinière parece emprestar a lista dos autores da introdução de Ramusio ao terceiro volume das Navegações e Viagens. Será que isto evidencia que ele conheceu esta obra, e, consequentemente, o texto de Crignon? La Popelinière não menciona Ramusio como fonte. –Cf. BEAULIEU A.-M. Comentário em LA POPELINIERE. Op. cit., p. 290.

RESUMOS

O artigo analisa o mapa do Brasil realizado por Giacomo Gastaldi para a importante coleção de relatos de viagem intitulada *Delle Navigationi et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (pela primeira vez editada em 1556). Fez-se um estudo do mapa comparando-o ao texto da viagem que ele ilustra e acompanha, o *Discorso d'un gran capitano di mare* francês atribuído a Pierre Crignon. Uma abordagem comparativa permitirá revelar as semelhanças e as diferenças entre o mapa de Gastaldi e o texto de Crignon.

El artículo analiza el mapa del Brasil ejecutado por Giacomo Gastaldi para la importante colección de relaciones de viaje *Delle Navigationi et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (editada por primera vez en 1556). Es realizado un estudio del mapa en comparación al texto del relato que ilustra y acompaña, el *Discorso d'un gran capitano di mare* francés atribuido a Pierre Crignon. Un abordaje comparativo consiste en revelar las semejanzas y las diferencias entre el mapa de Gastaldi y el texto de Crignon.

L'article analyse la carte du Brésil exécutée par Giacomo Gastaldi pour un recueil important des relations de voyages *Delle Navigationi et Viaggi* de Giovanni Battista Ramusio (première édition 1556). Une étude de la carte se fait en comparaison avec le texte de la relation du voyage qu'elle illustre et accompagne – le *Discorso d'un gran capitano di mare* français attribué a Pierre Crignon. Une démarche comparatiste consiste à révéler les similitudes et les décalages entre la carte de Gastaldi et le texte de Crignon.

This paper analyzes the map of Brazil made by Giacomo Gastaldi for the important collection of travel relations *Delle Navigationi et Viaggi* of Giovanni Battista Ramusio (first edited in 1556). The map is examined in comparison with the text of the relation it illustrates and features, the *Discorso d'un gran capitano di mare* francese assigned to Pierre Crignon. A comparative approach means to show the similarities and differences between Gastaldi's map and Crignon's text.

ÍNDICE

Palavras-chave: Gastaldi, Ramusio, Crignon, Cartografia, Brasil

Palabras claves: Gastaldi, Ramusio, Crignon, Cartografía, Brasil

Índice cronológico: 1556-1606

Keywords: Gastaldi, Ramusio, Crignon, Cartography, Brazil

Índice geográfico: Brasil

Mots-clés: Gastaldi, Ramusio, Crignon, Cartographie, Brésil

AUTORES

OLGA OKUNEVA

Doutora em história pela Universidade Estatal de Moscou Lomonossov e pela Universidade Paris-Sorbonne, pesquisadora do Instituto de história universal da Academia de ciências da Rússia.
olga.okuneva@gmail.com